Revista Bioética
Print version ISSN 1983-8042 | On-line version ISSN 1983-8034

Rev. Bioét. vol.34 Brasília 2026

Anime e bioética narrativa: dilemas éticos contemporâneos

Álvaro Alfonso Acevedo Merlano [1]

1. Universidad de la Costa, Barranquilla, Atlántico, Colombia.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as narrativas do anime como dispositivos de representação de dilemas bioéticos contemporâneos, a partir de uma perspectiva de bioética narrativa. Trata-se de um artigo de caráter teórico-conceitual com enfoque hermenêutico-interpretativo, que articula processos deliberativos para examinar a relação entre fatos, valores e deveres em contextos simbólicos. O anime, como indústria cultural transnacional, configura-se como um laboratório narrativo em que se encenam tensões relacionadas à identidade, corporeidade, autonomia e tecnologia, incluindo problemáticas como clonagem, eutanásia e manipulação genética. Por meio da imaginação narrativa, essas representações permitem transcender a ficção, abrindo possibilidades de julgamento prudencial aplicáveis a contextos reais e culturalmente diversos. Conclui-se que a bioética narrativa contribui para a deliberação e a resolução de dilemas, além de favorecer a formação de agentes morais e a orientação da ação na vida cotidiana.

Palavras-chave: Desenhos animados como assunto. Animação. Narração. Bioética. Cultura popular.

Resumen

Anime y bioética narrativa: dilemas éticos contemporáneos

Esta investigación tiene como objetivo analizar las narrativas del anime como dispositivos de representación de dilemas bioéticos contemporáneos, a partir de una perspectiva de bioética narrativa. Se trata de un artículo de carácter teórico-conceptual con enfoque hermenéutico-interpretativo, que articula procesos deliberativos para examinar la relación entre hechos, valores y deberes en contextos simbólicos. El anime, como industria cultural transnacional, se configura como un laboratorio narrativo donde se escenifican tensiones relacionadas con la identidad, la corporeidad, la autonomía y la tecnología, incluyendo problemáticas como la clonación, la eutanasia y la manipulación genética. A partir de la imaginación narrativa, estas representaciones permiten trascender la ficción, abriendo posibilidades de juicio prudencial aplicables a contextos reales y culturalmente diversos. Se concluye que la bioética narrativa contribuye a la deliberación y la resolución de dilemas, además de fortalecer la formación de agentes morales y orientar la acción en la vida cotidiana.

Palabras clave: Dibujos animados como asunto. Animación. Narración. Bioética. Cultura popular.

Abstract

Anime and narrative bioethics: contemporary ethical dilemmas

This study aims to analyze anime narratives as representational devices of contemporary bioethical dilemmas from a narrative bioethics perspective. This is a theoretical-conceptual article with a hermeneutic-interpretive approach that articulates deliberative processes to examine the relationship between facts, values, and duties within symbolic contexts. anime, as a transnational cultural industry, constitutes a narrative laboratory in which tensions related to identity, corporeality, autonomy, and technology are presented, including issues such as cloning, euthanasia, and genetic manipulation. Through narrative imagination, these representations transcend fiction, opening possibilities for prudential judgment applicable to real and culturally diverse contexts. It is concluded that narrative bioethics contributes to the deliberation and resolution of dilemmas, while also supporting the formation of moral agents and guiding action in everyday life.

Keywords: Cartoons as topic. Animation. Narration. Bioethics. Popular Culture.

O autor declara não haver conflito de interesses.

Atualização

A bioética narrativa no anime

Indústria cultural transnacional de natureza representacional

O anime é um recurso artístico de caráter expressivo com capacidade representacional, por meio do qual o mundo é reproduzido e, ao mesmo tempo, configurado, atuando como uma cartografia simbólica da realidade. Essa cartografia ganha sentido na interação com seus espectadores, na utilidade que eles lhe atribuem e nas práticas que desenvolvem a partir dela. Nesse contexto, toda forma de conceituar o mundo é entendida como um modelo, uma abstração; até mesmo a ciência produz representações que funcionam como referenciais conceituais, válidos ou não, para orientar as ações dos sujeitos. No entanto, a representação no anime vai além de uma simples modelagem, pois tanto o modelo quanto o que é representado constituem partes inseparáveis da própria representação. Além disso, a mediação daqueles que consomem essas imagens é essencial, já que são eles que elaboram o sentido a partir da linguagem [1] e, ao mesmo tempo, orientam suas práticas em função desses significados [2].

O anime oferece aos seus fãs, muitas vezes conhecidos como *otakus*, a possibilidade de fazer inferências, análises e tomar posições diante de situações relacionadas à vida cotidiana, ao proporcionar-lhes elementos simbólicos que os incentivam a se posicionarem como protagonistas de sua própria realidade. Nesse sentido, as narrativas do anime incorporam dinâmicas cotidianas que dão origem à formação de subjetividades distintas, frequentemente distantes dos parâmetros artísticos ocidentais ou eurocêntricos. Esse caráter representacional é reforçado pela crescente popularidade da animação japonesa, que atua como um espaço de convergência em que se articulam múltiplos significados. Esse processo fortalece a construção identitária dos *otakus*, que se reconhecem como portadores de um discurso próprio [3], ao mesmo tempo em que se redefinem continuamente como coletivo, subcultura ou comunidade.

A relevância do anime não se limita ao âmbito local da produção japonesa, pois hoje constitui uma indústria de grande alcance que produz e distribui conteúdos em todo o mundo, gerando um impacto decisivo na cultura popular global. Essa condição transnacional amplia sua aceitação e favorece a adaptação de suas narrativas a diversos públicos e contextos culturais, em virtude de sua flexibilidade narrativa e estética, o que lhe confere um notável poder de interpelacão simbólica.

Ao longo de seus enredos, o anime constrói cenas baseadas em suposições, exageros ou situações imaginárias que questionam certas noções associadas ao chamado senso comum ocidental. Dessa forma, essas produções animadas permitem descrever, examinar e até mesmo questionar os fundamentos da aparente homogeneidade epistemológica que caracteriza o pensamento moderno de origem ocidental e suas pretensões de universalidade. Sob essa perspectiva, o anime pode ser considerado um dispositivo de representação que funciona como uma rede de conceituações ou modelos destinados a explicar fenômenos do mundo cuja natureza profunda não é diretamente perceptível [4].

Olivé [5] distingue dois tipos de representações. Por um lado, aquelas de caráter objetivo, nas quais os agentes consideram que as descrições feitas sobre o estado do mundo refletem fielmente sua existência concreta, independentemente de crenças, emoções ou atitudes. Por outro lado, as representações subjetivas, entendidas como formas particulares de perceber a realidade que influenciam tanto as ações daqueles que a interpretam dessa maneira quanto os laços sociais que se formam a partir dessas percepções. Nesse contexto, independentemente de as representações criadas no anime poderem ser consideradas fiéis ou não à realidade, seus fãs atribuem a elas uma interpretação subjetiva própria, forjada a partir das trajetórias biográficas e bibliográficas de cada indivíduo, o que, por fim, confere um sentido particular e diferenciado a essas representações.

Pode-se afirmar, portanto, que tanto o anime quanto os modelos teóricos e as conceituações científicas, na medida em que são formas ficcionais de representação direta, mantêm uma estreita relação com as estratégias artísticas presentes em disciplinas como a literatura, o teatro ou a pintura. Todas elas se baseiam em princípios criativos que permitem abstrair e tornar compreensíveis aspectos do mundo real [6,7], oferecendo, por meio da ficção cotidiana, *uma descrição imaginária das coisas reais* [8].

O anime constitui uma descrição criativa do mundo que surge de um processo interpretativo, o qual, por sua vez, se transforma em novas reinterpretações subjetivas elaboradas pelos espectadores. Dessa forma, a representação, ao reunir diferentes formas de modelagem da experiência, pode ampliar ou restringir os limites a partir dos quais a tradição ocidental concebe o racional, o real e o verdadeiro. Nesse contexto, ao se falar de modelos, é necessário evitar visões deterministas e ter em mente a diferença entre afirmar que A é B e considerar A como se fosse B. Essa distinção, de origem kantiana, remete ao fato de que a experiência não se relaciona com as coisas em si, mas com as representações que construímos delas no âmbito do mundo vivido [4].

Dessa forma, a representação surge do processo de subjetivação da realidade que se dá a partir da experiência vivida. A partir disso, elabora-se uma conceituação do real que, posteriormente, é interpretada e, por fim, expressa. Consequentemente, a representação se configura como o resultado da interpretação realizada por aqueles que assumem o papel de produtores de significado, transcendendo a ideia de uma mera reprodução do existente. Por isso, autores como Hall [1] e Williams [9] têm destacado a importância da representação na mídia e na cultura popular como processos por meio dos quais as sociedades constroem e transmitem sua identidade.

É importante examinar como essas representações dão origem a narrativas com um poder de atração capaz de cativar milhões de espectadores em todo o planeta. Mesmo pessoas alheias ao contexto cultural japonês desenvolveram uma forte conexão com essas histórias cotidianas, o que propiciou uma ampla expansão de subjetividades que se articulam com a tradição japonesa e se projetam em múltiplas configurações do mundo que essa forma expressiva e representacional coloca em circulação. Nesse contexto, o anime se consolidou como um espaço privilegiado para abordar dilemas bioéticos de grande relevância contemporânea, entre os quais se encontram a clonagem, a eutanásia, a manipulação genética ou a busca pela imortalidade, temas que suscitam controvérsia e abrem a possibilidade de uma análise crítica a partir da bioética narrativa.

Com isso, essas questões ganham uma densidade particular quando se articulam com universos narrativos permeados pela tecnociência, nos quais a relação entre identidade, corporeidade e tecnologia se torna central. É o que ocorre em *Ghost in the Shell*, em que a integração entre corpo e sistemas cibernéticos desestabiliza as noções tradicionais de sujeito e consciência. Por meio dessas configurações, são problematizadas questões relacionadas à autonomia, à continuidade do eu e aos limites do humano, possibilitando cenários de reflexão ética em torno da redefinição da vida em contextos tecnocientíficos.

Nessa mesma linha, *Neon Genesis Evangelion* apresenta um campo narrativo no qual a tecnociência não apenas molda o ambiente, mas também permeia as relações interpessoais e as formas como os indivíduos compreendem sua própria existência. Os conflitos de identidade, as tensões emocionais e a busca por reconhecimento se inscrevem nesse contexto, dando origem a experiências profundamente subjetivas que questionam a relação entre o eu e o outro. Dessa forma, a tecnologia se torna um dispositivo que mede a experiência, intensifica a vulnerabilidade e complexifica a construção de sentido em contextos de crise, ampliando o horizonte de compreensão dos problemas bioéticos a partir de dimensões existenciais e relacionais.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo analisar como as narrativas do anime, na medida em que são dispositivos representacionais, configuram e problematizam dilemas bioéticos contemporâneos a partir de uma perspectiva da bioética narrativa que articula interpretação hermenêutica, deliberação moral e experiência simbólica. Além disso, propõe-se examinar o potencial do anime como espaço de reflexão ética, capaz de influenciar a formação de julgamentos ponderados em diversos contextos culturais.

As narrativas do anime e a bioética narrativa

Nas narrativas da animação japonesa, é possível encontrar recursos metafóricos que estimulam reflexões sobre situações, embora hipotéticas, capazes de retratar conflitos cotidianos que exigem soluções bioéticas. Daí a importância de uma bioética narrativa, tanto do ponto de vista racional quanto do emocional [10], como perspectiva

que valoriza a presença constante das narrativas na constituição da vida, a qual deve ser alimentada por meio de processos polilógicos inclusivos e dinâmicos. Assim, a partir da criação e da troca horizontal de diversas perspectivas axiológicas representadas nas narrativas, é possível contribuir para uma cosmovisão pluralista da sociedade, abordando os dilemas morais a partir de uma perspectiva, segundo Pinto [11], casuística-narrativa.

Nesse sentido, o autor, com base em Rocha [12], destaca a relevância das histórias abordadas no âmbito da bioética narrativa, entendidas como recursos metodológicos para a constituição de uma moral em suas dimensões teórica e prática, e como veículos morais que, por meio de abordagens hermenêuticas das estruturas narrativas da ação humana, contribuem para uma bioética orientada por princípios e em constante deliberação moral.

Os conflitos bioéticos encontraram nas manifestações narrativas um espaço para a deliberação contemporânea, que, a partir do metafórico e do ilustrativo, desenvolve descrições detalhadas de mundos possíveis. Aqui, a imaginação narrativa orienta-se para um senso comum que exalta sua relevância para a reflexão sobre questões sociais, as quais, dentro de uma estrutura ficcional, podem contribuir para a tomada de decisões em contextos reais, priorizando o valor das experiências existenciais, muitas vezes instrumentalizadas por processos sociais institucionalizados [13]. Nesse aspecto, o fator da imaginação desempenha um papel preponderante, pois transcende a imagem abstraída, permitindo que *a realidade imaginada se torne dinâmica*, *libere novas imagens*, *novas perspectivas e*, *por fim*, *novas experiências*, *sem a pressão dos fatos* [14].

Além da abordagem casuística que caracteriza a bioética narrativa, uma de suas contribuições inéditas mais relevantes é a importância atribuída aos aspectos interpretativos — por vezes miméticos e catárticos —, capazes de conectar a interpretação gerada a partir de uma realidade descrita e intangível com o aspecto experiencial. Isso vai além da perspectiva instrumental da narrativa, pois, para além da coleta de narrativas, a combinação entre o hermenêutico e o fio narrativo realça as controvérsias atuais entre perspectivas plurais. As narrativas se concentram no concreto, no particular, na importância das pequenas histórias, distanciando-se um pouco dos determinismos generalistas e valorizando a singularidade das experiências particulares para enriquecer uma perspectiva universal, que deve estar constantemente em um processo de vaivém [15].

A narrativa transcende a mera ilustração de problemáticas ou situações que exigem atenção bioética ao se configurar como uma forma específica de construir conhecimento e atribuir sentido à realidade, na qual os valores se tornam explícitos e, ao mesmo tempo, são reconstruídos, promovidos, difundidos e reconfigurados como princípios. Não se limita à resolução de conflitos traduzida em mecanismos ou diretrizes que devem ser seguidos do ponto de vista normativo, pois pode contribuir para justificar decisões e ações morais dentro de um campo simbólico compartilhado, passível de ser interpretado a partir de diferentes perspectivas e com princípios axiológicos muitas vezes em conflito no âmbito das experiências humanas [16].

A partir da bioética narrativa, é possível examinar como os dilemas e conflitos bioéticos que surgem e são representados em diferentes contextos culturais são ilustrados e questionados. Ao transcender o âmbito da animação como simples entretenimento, as narrativas do anime permitem exemplificar situações que interpelam diretamente as trajetórias de vida individuais e comunitárias. Essas narrativas inscrevem-se em contextos culturalmente diversos e projetam-se em cenários ocidentais situados em locais de enunciação periféricos, nos quais se configuram imaginários que ultrapassam as dinâmicas do consumo cultural e atuam como dispositivos transgressores em relação às narrativas hegemônicas.

A bioética narrativa como método

Do ponto de vista metodológico, este artigo adotou uma abordagem qualitativa de caráter teórico-conceitual, fundamentada em uma perspectiva hermenêutico-interpretativa. O trabalho se baseia na análise e na articulação de autores-chave da bioética narrativa, da hermenêutica e da teoria da representação, por meio de uma leitura crítica voltada para a identificação de categorias conceituais que permitam compreender as narrativas do anime como cenários de problematização ética. Nesse sentido, o estudo se configura

como uma construção teórica que, por meio da interpretação de estruturas narrativas e de sua relação com dilemas bioéticos contemporâneos, fundamenta o potencial das animações como espaço de deliberação moral.

Vários autores definem a bioética narrativa como um método, a partir de diferentes pontos de vista. Por exemplo, Stys [17] argumenta que a bioética narrativa está associada à narrativa de histórias a partir da literatura, enfatizando a possibilidade de uma bioética documental. Da mesma forma, Barounis [18] considera essa bioética como uma oportunidade para explorar espaços psíquicos dominados pelas dinâmicas da tecnociência que influenciam as experiências médicas a partir da doença.

Embora o conceito de bioética narrativa tenha se desenvolvido ao longo do tempo no campo exclusivo da medicina, com base em Ajana [19], e a partir de uma ética aplicada à biomedicina, esse conceito abrange um campo muito mais amplo a partir de abordagens hermenêuticas focadas nos aspectos narrativos, que transcendem os limites da bioética clínica para se articular com diferentes áreas relacionadas às humanidades médicas, à literatura e à filosofia.

Nesse sentido, a bioética narrativa é uma ética que centra sua reflexão na narrativa como objeto de análise para a compreensão de problemas éticos e justificativas morais relacionados às ciências da vida e às tecnologias que as afetam. Dessa forma, para a autora, esse tipo de ética se sustenta por meio da hermenêutica, considerando que a interpretação se revela um elemento fundamental para a compreensão dos fenômenos estudados e como meio de avaliação moral, além de ser uma atividade ética em si mesma. Portanto, a bioética narrativa, como uma transdisciplina alimentada pela hermenêutica, orienta-se para a ação ao abordar as narrativas a partir de dimensões interpretativas, deliberativas e dialéticas, integrando processos de compreensão e tomada de decisões diante de conflitos, problemas ou situações que exigem respostas bioéticas [19].

Barton, por sua vez, explica a importância das histórias como ferramentas que concretizam a abstração inerente à tomada de decisões éticas, ajudando, assim, os médicos que se deparam com problemas bioéticos [20]. Da mesma forma, o valor das histórias em seu papel moral reside em sua capacidade de revelar valores implícitos ao gerar reações nos indivíduos, apelando para o páthos, superando a expectativa passiva e estimulando a interação emocional daqueles que se envolvem com as narrativas [21].

A narrativa tem a capacidade de conferir significado e inteligibilidade a situações do contexto médico, como o sofrimento e a doença. Nesse sentido, Thiele [22] define a imaginação moral como a capacidade de nos situarmos em narrativas que nos apresentam realidades hipotéticas e diversas possibilidades para o futuro, permitindo-nos analisar previamente os riscos e oportunidades relacionados. Essa forma de imaginação tem a capacidade de mobilizar emoções e gerar empatia a partir da compreensão das experiências de vida de outras pessoas. Assim, elementos narrativos tradicionalmente presentes na literatura têm sido muito valiosos para que fenômenos como a morte, a doença e a dor possam ser melhor compreendidos pelos profissionais de saúde [23].

Hawkins [24] afirma que a literatura, por meio de suas dinâmicas narrativas, é fundamental para o desenvolvimento de um conhecimento intuitivo, que ele denomina *epifânico*, relacionado à formação em bioética. Por isso, a narrativa é o método por excelência para formar profissionais da saúde, com o objetivo de enriquecer seu conhecimento tácito.

Segundo Domingo-Moratalla [25], o problema da bioética narrativa reside no fato de que aproveitar as narrativas pode ser confundido com falta de rigor. Cabe ressaltar, porém, que tanto a solidez quanto o rigor nas pesquisas não podem ser alcançados apenas por meio de métodos quantitativos, pois, quando os problemas ou experiências analisados são incompatíveis com um método dedutivo matemático, é possível alcançar o rigor em contextos bioéticos narrando histórias a partir das experiências humanas, com rigor, exatidão e sinceridade. Dessa forma, as narrativas exercem um impacto positivo na formação das atitudes necessárias para a bioética, conferindo sentido aos conhecimentos e procedimentos deliberativos que exigem certa sensibilidade.

Assim, ao entender a bioética como um ambiente de encontro onde há espaço para múltiplas perspectivas, e ao aceitar-se a si mesma como mais uma dessas perspectivas, é possível compreender a importância das narrativas. Do ponto de vista

metodológico e prático, essas narrativas nos ensinam a nos colocar em diferentes perspectivas, levando em conta que cada perspectiva é uma forma de construir uma história; além disso, elas nos ajudam a nos acostumar com a existência de muitos pontos de vista, pois um mesmo acontecimento pode ser compreendido e interpretado de múltiplas maneiras.

O método deliberativo permite que nos coloquemos em diversas perspectivas, com o objetivo de chegar a uma decisão com a maior prudência e responsabilidade possíveis. Isso nos leva a nos distanciarmos de nossa própria postura, buscando nos colocar em diferentes pontos de vista, familiarizando-nos com visões e narrativas que enriquecem nossa compreensão ao nos colocarmos no lugar do outro, oferecendo a possibilidade de aceitar que talvez não estejamos certos. Essa é a importância de sensibilizar por meio das narrativas, ao mesmo tempo em que se aproveita sua proximidade com a hermenêutica, pois, para o autor, é a partir da bioética hermenêutica que se alcança uma precisão conceitual dessa bioética narrativa.

Para a bioética, mais importante do que saber é nos perguntarmos o que fazer com o que se sabe. O método, na bioética, contém uma carga histórica que demonstra como a deliberação é, por excelência, o princípio metodológico dessa transdisciplina, pois a bioética deve transcender o simples reconhecimento dos julgamentos para compreender como formar um julgamento dependendo do contexto específico e, com isso, tornar-se competente no exercício de criar julgamentos, fortalecendo a capacidade de julgar. Portanto, é fundamental para o método deliberativo o desenvolvimento de atitudes como o diálogo, a reflexão, o respeito e a crítica, para que ele seja, de fato, substancial, e não apenas um manual de instruções passo a passo, repleto de posições preconcebidas e externas. Essa forma de bioética fundamenta-se na narrativa, contribuindo para a consolidação de um método próprio que se afasta de opiniões ou discursos vazios e evita cair no dedutivo; daí a importância dessa dimensão narrativa a partir da libertação e da hermenêutica [25].

De acordo com Almazán [26], com base em Moratalla e colaboradores [15], os processos interpretativos associados ao método deliberativo na tomada de decisões tendem para uma hermenêutica crítica ao reconhecerem a importância das narrativas e questionarem as posições positivistas que apontam para uma razão instrumental a partir de um cientificismo que ofusca as possibilidades de deliberação, relegando a intenção às margens das crenças e dos desejos, sem espaço para a racionalidade. A crítica ao positivismo dogmático não significa necessariamente cair no outro extremo; não se trata de anular qualquer tipo de racionalidade, pois sem ela não seria possível deliberar; por isso a importância de reivindicar a razão narrativa a partir de uma ética da responsabilidade, a partir dessa razão narrativa, ou talvez da narrativa bioética, como afirma o autor.

Para o método deliberativo, as narrativas são fundamentais, pois sem elas a deliberação seria muito precária, passível de reproduzir práticas dogmáticas. A razão narrativa que se desenvolve no exercício da deliberação leva a processos de interpretação inevitáveis que colocam em tensão critérios universais, talvez muito próximos de um relativismo moral, mas sempre na presença de uma reflexão racional sobre os deveres e os valores.

Os significados transcendem o nível descritivo, recorrendo a uma razão simbólica que aceita o símbolo como um dispositivo de ligação com a realidade e, consequentemente, como algo que tem limites. Assim, a bioética narrativa não é apenas um método para resolver conflitos morais ou problemas éticos; pelo contrário, a partir de seu caráter antropológico, ela transcende a razão teórica e prática em direção a essa razão simbólica, como complemento da razão humana, e se aproxima muito do âmbito valorativo. Portanto, aceita que a razão assertiva está sempre influenciada por avaliações subjetivas, geradas pelas experiências daqueles que interpretam e exercem a prática da razão. Os seres humanos não podem se desligar de sua natureza desiderativa, impedindo-se, assim, de alcançar a verdade absoluta e gerando, como diz Almazán, apenas relações de poder e ideologias em torno da verdade que se espera conhecer. A metodologia deliberativa baseada nos fatos, nos valores e no que se deve fazer é muito clara ao lidar com preconceitos que podem levar a dissociar a análise dos acontecimentos da narrativa; por isso, é importante permanecer atento para evitar reproduzir valores e

interesses específicos, acreditando que se está construindo um conhecimento objetivo.

Almazán considera que a imaginação é fundamental no processo deliberativo, na medida em que, para tomar decisões acertadas, é necessário um pensamento e um sentimento distintos [26]. Essa disposição se configura como método e como atitude, ao conceber o outro como participante do processo deliberativo e como elemento constitutivo da própria deliberação. Dessa forma, a ênfase passa a recair sobre a consideração de múltiplas perspectivas, o que exige que nos coloquemos no lugar do outro, no âmbito de um diálogo cuja possibilidade depende, inevitavelmente, da imaginação [26].

No método deliberativo, é imprescindível demonstrar respeito pelas diversas interpretações de uma mesma narrativa, ao mesmo tempo em que se valoriza a diversidade narrativa por meio de concepções distintas a partir de perspectivas culturais plurais. É na dinâmica deliberativa que se articulam diferentes enunciados narrativos, os quais, segundo Escríbar [27], promoverão uma verdadeira universalidade, crítica, vigilante e aberta a qualquer transformação que se coadune com o ético. Assim, é na inter-relação horizontal entre diversas perspectivas e na sua aceitação que ocorre o que, segundo o autor, poderia ser considerado um critério ético universal.

De acordo com Gracia [28], o método da deliberação baseia-se em processos argumentativos de tomada de decisão que se afastam de abordagens centradas na racionalidade plena ou em procedimentos quantitativos, rumo a um horizonte de probabilidades e graus de desejabilidade dos possíveis resultados. Dessa forma, ancora-se muito mais na razoabilidade, o que permite a abertura de processos dialógicos. O autor baseia-se em filósofos como Searle e colaboradores [29] e Leder [30], que argumentam que a racionalidade de um modelo clássico é insuficiente para abordar de forma completa o que está por trás das razões para agir, convidando a uma reflexão mais aprofundada sobre o que se entende por deliberação. Nessa perspectiva, a hermenêutica desempenha um papel fundamental como escola de pensamento, na medida em que se distancia das afirmações que pressupõem uma única interpretação correta e reconhece a diversidade de leituras a que todo texto está sujeito. Essa abordagem orienta para a valorização de múltiplas interpretações que, de forma complementar, ampliam a compreensão dos fenômenos.

Além disso, ele argumenta que a racionalidade é entendida como uma possibilidade de diálogo e troca, em vez de um mecanismo voltado para a obtenção de verdades absolutas. O bioeticista, segundo o autor [28], apresenta-se como um interlocutor socrático que questiona os pressupostos elaborados a partir de discursos estabelecidos e promove o diálogo e a cooperação entre os participantes, sem pretensões de certeza definitiva. Nesse contexto, a interpretação implica tomar consciência dos próprios preconceitos, cuja identificação permite aprofundar a compreensão e orientar ações contextualizadas. Gracia [28] destaca que o bioeticista atua como facilitador da deliberação a partir da hermenêutica, afastando-se da figura do especialista que define um único caminho moralmente correto.

Assim, devem atuar como articuladores e facilitadores de processos, estabelecendo-se como referências para perspectivas menos claras e praticando um descentramento que ajude a identificar os pontos cegos de nossos preconceitos. Portanto, a hermenêutica tem a capacidade de identificar essa mesma característica substancial do entendimento ao nos fazer perceber que fazemos parte de estruturas políticas, históricas e culturais que determinam nossas interpretações do mundo. Nesse aspecto, o autor recorre a Gadamer [31] ao destacar que o método hermenêutico tem como princípio uma abertura dialógica, na qual nos aproximamos do outro para aprender e transcender nossa própria perspectiva, como um tipo de racionalidade que só se alcança por meio do diálogo e da deliberação; trata-se de compreender a razão humana como problemática e deliberativa.

A deliberação, prossegue Gracia [28], é a capacidade de questionar nossas próprias perspectivas sobre os fenômenos conhecidos, com base nos pontos de vista de outras pessoas e por meio de um exercício racional, que enriquece e, talvez, modifique essas mesmas perspectivas. O autor sustenta que se trata de uma forma de construção do conhecimento que vai além de sua compreensão como mero método, pois envolve a avaliação de possíveis mudanças de perspectiva que, idealmente, transformem os pontos de vista iniciais. O processo deliberativo pode ser

concebido como uma arte, que, com respeito e humildade, reconhece que ouvir outras perspectivas enriquece a própria compreensão dos fenômenos ou fatos analisados. A deliberação exige mais habilidades do que conhecimentos, sem ser restritiva nem preconceituosa, a fim de se abrir a qualquer possibilidade como um exercício aprendido, rompendo com o pressuposto de que somos os detentores da razão; trata-se de uma autoeducação e de uma autoanálise. Gracia [28] recorre a Vlastos [32] como referência fundamental de sua abordagem filosófica, ao destacar a possibilidade de que, por meio de processos de libertação, cada indivíduo construa suas próprias respostas e horizontes de sentido. Nesse contexto, a ética se configura como uma razão prática de caráter deliberativo, que pode se manifestar tanto no âmbito coletivo quanto no individual.

Dessa forma, García argumenta, com base em Nussbaum [34], que a narrativa contribui para o método da bioética porque valoriza as experiências concretas, a contingência, as incertezas, os efeitos das ações e as relações que se estabelecem entre as pessoas dentro de seus contextos. Nesse sentido, o autor destaca a importância das narrativas como exemplos que nos ajudam a refletir e que são capazes de nos aproximar dos processos de tomada de decisão na vida cotidiana. É por isso que o aspecto narrativo transcende o método da bioética, pois não se trata apenas de compreender a vida, já que a narrativa é a forma pela qual a vida humana se expressa. A bioética narrativa baseia-se nessas narrativas de vida, nas quais cada manifestação vital se configura e se expressa como vida ética, com valores e responsabilidades que a levam a orientar-se da melhor maneira possível [33].

Por sua vez, Santos [35], com base nas proposições de Martins e colaboradores [36], afirma que as ciências sociais mantêm sua independência em relação ao método quantitativo positivista, que busca determinar, prever e explicar a realidade concreta, física e biológica, uma vez que este se mostra insuficiente para compreender a experiência humana, os significados da vida e sua singularidade. Nesse sentido, a fenomenologia se apresenta como o método de pesquisa ideal para realizar uma descrição, redução e compreensão a partir das vivências humanas.

Essa descrição fenomenológica de que fala o autor, como uma trajetória metodológica, surge da relação sujeito-pesquisador, na qual há uma intersubjetividade que se constrói a partir do relato e das experiências dos sujeitos de pesquisa, os quais contribuem para a interpretação das estruturas vividas e suportadas nos acontecimentos descritos. Da mesma forma, no momento da redução fenomenológica, realiza-se um exercício hermenêutico mais detalhado, com o objetivo de compreender a linguagem dos sujeitos de pesquisa, familiarizando-nos com os contextos ao nos colocarmos no lugar dos outros e tentarmos captar a totalidade da experiência relatada, transcendendo o papel de mero espectador ao compreender e ser interpelado pelos significados identificados [35].

Analisar as descrições, afirma Santos [35], permite encontrar a essência do que se investiga; e, quando já se encontram repetições nos discursos, identifica-se a suficiência dos relatos descritos para compreender o fenômeno. A bioética narrativa e a fenomenologia, como metodologia, têm muito em comum, pois buscam identificar a essência do que se vive, do fenômeno experiencial, além de seu significado; partindo do singular para o universal, permitindo a compreensão dos fenômenos por meio da narrativa ao estabelecer ligações entre o teórico e o prático.

A aproximação entre o método fenomenológico e a hermenêutica nos leva a considerar metodologicamente o que Ricoeur [37] chamou de fenomenologia hermenêutica, que se preocupa em compreender os fenômenos como construções da subjetividade e da intersubjetividade dos indivíduos que os percebem e identificam. Essa abordagem concebe o mundo como um campo de potencialidades em desenvolvimento, em vez de uma realidade concreta e imutável. Consequentemente, o fenômeno que se busca compreender se configura a partir da percepção dos sujeitos, mediada por suas intencionalidades e perspectivas espaço-temporais.

Assim, seguindo Fuster Guillen [38], essa fenomenologia hermenêutica concentra-se nas descrições e interpretações que constituem os fundamentos das experiências de vida, seu valor simbólico e o sentido que se constrói em torno delas. Essa abordagem permite uma análise de diversas perspectivas éticas a partir de práticas cotidianas, acessíveis apenas por meio da experiência. Nesse sentido, como afirma Domingo Moratalla [39] ao se referir às proposições de Ricoeur [37], tanto a fenomenologia dispõe de qualidades hermenêuticas quanto a hermenêutica conta com pré-noções fenomenológicas; essa perspectiva

fenomenológica visa a interpretação do fenômeno a partir da experiência do sentido que se constrói em torno do conhecimento alcançado [40].

Em suma, a intenção teórico-metodológica desta pesquisa estabelece possibilidades de diálogo entre a bioética narrativa, o método deliberativo, a fenomenologia e a hermenêutica, a fim de nos aproximarmos de uma compreensão sobre as trajetórias de vida dos personagens protagonistas de situações que exemplificam problemas e dilemas bioéticos retratados no anime. No entanto, apesar do caráter ficcional dos personagens e da narrativa, espera-se que, a partir da representação que eles fazem, possamos compreender as situações exemplificadas, sejam elas reais ou hipotéticas, para nos aproximarmos da essência e do sentido das experiências vividas pelos personagens.

Nesse sentido, a hermenêutica permite desvendar a densidade simbólica de suas tramas, a deliberação esclarece os conflitos de valores presentes nas decisões dos protagonistas, e a fenomenologia abre a possibilidade de captar a experiência subjetiva que os espectadores reconhecem e reinterpretam em suas próprias vidas. Dessa forma, a interpretação que se constrói em torno dessas experiências narradas e das situações potencialmente reais representadas contribui para justificar, por meio da deliberação, possibilidades de escolha em contextos reais específicos, consolidando o anime como um terreno fértil para a reflexão bioética contemporânea.

Considerações finais

A bioética narrativa nos permite compreender o anime como um laboratório narrativo, um espaço no qual são encenados dilemas e conflitos que, embora fictícios, interpelam diretamente nossa vida cotidiana. Em seus enredos, a ficção se torna um campo de exploração no qual se articula a imaginação moral, entendida como a capacidade de projetar julgamentos prudenciais em um campo simbólico compartilhado, sempre aberto à interpretação, ao debate e à tensão entre valores. Nesse sentido, o anime se configura como um dispositivo cultural que articula estética, tecnologia e experiência humana, possibilitando espaços para a deliberação bioética em contextos plurais.

A partir de uma abordagem teórico-conceitual fundamentada na hermenêutica, na fenomenologia e no método deliberativo, este trabalho propõe compreender o anime como um campo de problematização ética que transcende sua dimensão estética e cultural, situando-o como um cenário relevante para a reflexão sobre a vida, a dignidade e a justiça em uma perspectiva contemporânea. Dessa forma, contribui-se para a consolidação da bioética narrativa como uma perspectiva capaz de articular interpretação, experiência e deliberação na análise de dilemas complexos.

No entanto, não se deve perder de vista que a interpretação dessas narrativas está sujeita a limites inevitáveis: a seleção de obras, a diversidade de públicos, a pluralidade de contextos culturais e até mesmo a distância que sempre existe entre a ficção e a prática social concreta. Essas margens, longe de enfraquecerem a reflexão, permitem reconhecer o caráter contextual das interpretações e a necessidade de manter uma vigilância crítica diante dos processos de significação.

Nesse sentido, abre-se a possibilidade de desenvolver novos estudos que abordem, de forma comparativa, outras expressões culturais, como o mangá, os videogames ou a literatura fantástica, bem como de investigar as maneiras pelas quais diferentes públicos juvenis e transnacionais se apropriam e reinterpreta as narrativas. Dessa forma, o anime pode se consolidar como um meio ideal para a reflexão sobre dilemas bioéticos contemporâneos em contextos diversos e globalizados, nos quais a ficção e a vida dialogam em um mesmo processo de construção de sentido.

Referências

1. Hall S. El trabajo de la representación. London: Sage Publications; 1997.
2. Frías Villegas G. Ciencia, cultura, ideología y comunicación: oficinas de comunicación de la ciencia en institutos de investigación científica [tese] [Internet]. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México; 2018 [acesso 24 jan 2025]. Disponível: https://bit.ly/3UBIG9v

3. Parada Morales D. Manga-anime: una expresión artística que subjetiva al otaku. Tesis Psicológica [Internet]. 2012 [acesso 24 jan 2025];7(1):160-75. Disponível: https://bit.ly/4hM6K37
4. Henao Sierra BL, Stipcich MS, Moreira MA. La educación en ciencias desde la perspectiva epistemológica de Stephen Toulmin. Latin American Journal of Physics Education [Internet]. 2011 [acesso 24 jan 2025];5(1):232-48. Disponível: https://bit.ly/46pXoTz
5. Olivé L. Los desafíos de la sociedad del conocimiento: cultura científico-tecnológica, diversidad cultural y exclusión. IC Revista Científica de Información y Comunicación [Internet]. 2006 [acesso 24 jan 2025];3. Disponível: https://bit.ly/4xifu65
6. Toon A. Models as make-believe. In: Frigg R, Hunter M, editores. Beyond mimesis and convention: representation in art and science. Dordrecht: Springer Netherlands; 2010 [acesso 24 jan 2025]. p. 71-96. DOI: 10.1007/978-90-481-3851-7_5
7. Gaviria Martínez CD, Corredor J. Coordinación de evidencias, explicaciones y objetivos pragmáticos en la argumentación. Revista Colombiana de Psicología [Internet]. 2011 [acesso 24 jan 2025];20(1):43-56. Disponível: https://bit.ly/3SlslVP
8. Levy A. Models, fictions, and realism: two packages. Philosophy of Science [Internet]. 2012 [acesso 24 jan 2025];79(5):738-48. DOI: 10.1086/667992
9. Williams R. Los medios de comunicación social. Barcelona: Península; 1978.
10. Fontenele AL, Sena GP, Oliveira SLF, Guilhem DB. Bioética y derechos humanos en la formación de enfermería: relato de una experiencia pedagógica. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2025 [acesso 12 nov 2025];59:e20240384. DOI: 10.1590/1980-220X-REEUSP-2024-0384es
11. Pinto Bustamante BJ. Prácticas narrativas en bioética: una oportunidad para la experiencia, la edificación y la deliberación. Rev Colomb Bioét [Internet]. 2015 [acesso 7 mar 2025];6(3):110. DOI: 10.18270/rcb.v6i3.838
12. Casado da Rocha A. Vivir deliberadamente: autenticidad y ética narrativa en Walden. In: López Sandoval D, editor. Caracteres literarios: ensayos sobre la ética de la literatura. Año VII, n.° 8. Murcia: Rústica; 2004. p. 23-4.
13. Kottow M. ¿Bioética narrativa o narrativa bioética? Rev Latinoam Bioét [Internet]. 2016 [acesso 12 jul 2024];16(31-32):58. DOI: 10.18359/rlbi.1763
14. Hacker H. Narrative bioethics. In: Rehmann-Sutter C, Düwell M, Mieth D, editores. Bioethics in cultural contexts: reflections on methods and finitude. Dordrecht: Springer; 2006. p. 353-76.
15. Grande LF, Domingo Moratalla T. Bioética narrativa aplicada. Madrid: Guillermo Escolar; 2013.
16. González-Quintana C. Bioética narrativa. CONAMED [Internet]. 2017 [acesso 11 maio 2024];22(4):191-4. Disponível: https://bit.ly/4zBSGzs
17. Stys JC. Documentary bioethics: visual narratives for generations X and Y. J Med Humanit [Internet]. 2006 [acesso 18 maio 2024];27(1):57-66. DOI: 10.1007/s10912-005-9003-4
18. Barounis C. "Undisturbed by colors": photorealism and narrative bioethics in the poetry of William Carlos Williams. J Med Humanit [Internet]. 2009 [acesso 5 mar 2025];30(1):43-59. DOI: 10.1007/s10912-008-9070-4
19. Ajana B. Recombinant identities: biometrics and narrative bioethics. J Bioeth Inq [Internet]. 2010 [acesso 27 abr 2025];7(2):237-58. DOI: 10.1007/s11673-010-9228-4
20. Barton A. A narrative approach to bioethical decision making: the missing link between bioethics and conflict management? Conflict Resolution Quarterly [Internet]. 2008 [acesso 15 jun 2025];25(4):497-509. DOI: 10.1002/crq.219
21. Milligan E. Why narrative matters (but not exclusively) in bioethics education. J Bioeth Inq [Internet]. 2012 [acesso 15 maio 2025];9(4):507-8. DOI: 10.1007/s11673-012-9389-4
22. Thiele LP. The heart of judgment. Cambridge: Cambridge University Press; 2006. DOI: 10.1017/CBO9780511498718.004
23. Cole TR, Carlin N, Carson RA. Medical humanities: an introduction. Cambridge: Cambridge University Press; 2017.

24. Hawkins AH. Epiphanic knowledge and medicine. Camb Q Healthc Ethics [Internet]. 2005 [acesso 4 mar 2025];14(1):40-6. DOI: 10.1017/S096318010505005X

25. Domingo Moratalla T. La bioética será narrativa o no será: una cuestión de perspectiva. Bioética Complutense [Internet]. 2016 [acesso 4 mar 2025];27:7-11. Disponível: https://bit.ly/4zHIg1B

26. Almazán G. La importancia de la razón narrativa para la deliberación. Bioética Complutense [Internet]. 2016 [acesso 4 mar 2025];27:12-6. Disponível: https://bit.ly/4cGbt2R

27. Escríbar A. Posibles aportes del pensamiento de Paul Ricoeur a la bioética narrativa. Bioética Complutense [Internet]. 2016 [acesso 4 mar 2025];27:22-4. Disponível: https://bit.ly/4ghsK4S

28. Gracia D. La deliberación moral: el papel de las metodologías en ética clínica. Comités de ética asistencial [Internet]. 2000 [acesso 24 jan 2025]:21-41. Disponível: https://bit.ly/3S4U4tS

29. Searle JR, Valdés Villanueva LM. Razones para actuar: una teoría del libre albedrío. Barcelona: Nobel; 2000.

30. Leder D. Toward a hermeneutical bioethics. In: DuBose ER, Hamel RP, O'Connell LJ, editors. A matter of principles? Ferment in U.S. bioethics. Valley Forge: Trinity Press International; 1994. p. 240-59.

31. Gadamer HG. Verdad y método. Salamanca: Ediciones Sígueme; 1998.

32. Vlastos G. Socrates: ironist and moral philosopher. Ithaca: Cornell University Press; 1991.

33. García M. Ética narrativa, narración vital y vida ética. Bioética Complutense [Internet]. 2016 [acesso 24 jan 2025];27:25-8. Disponível: https://bit.ly/4y0rskF

34. Nussbaum MC. El conocimiento del amor: ensayos sobre filosofía y literatura. Madrid: A. Machado Libros; 2005.

35. Santos M. Bioética narrativa: fenomenología como vertiente metodológica. Bioética Complutense [Internet]. 2016 [acesso 24 jan 2025];27:59-60. Disponível: https://bit.ly/3STFLbI

36. Martins J, Bicudo MAV. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. 2ª ed. São Paulo: Moraes/EDUC; 1994.

37. Ricœur P. Phénoménologie et herméneutique. In Du texte à l'action: essais d'herméneutique II. Paris: Éditions du Seuil; 1986. p. 39-73.

38. Fuster Guillen DE. Investigación cualitativa: método fenomenológico hermenéutico. Propós Represent (En línea) [Internet]. 2019 [acesso 10 mar 2025];7(1):201-29. DOI: 10.20511/pyr2019.v7n1.267

39. Domingo Moratalla T. La fenomenología hermenéutica de Paul Ricoeur: mundo de la vida e imaginación. Investigaciones Fenomenológicas [Internet]. 2001 [acesso 6 jul 2024];3:291. DOI: 10.5944/rif.3.2001.5432

40. Kerz M. Notas sobre la hermenéutica filosófica de Paul Ricoeur (1913-2005). Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos [Internet]. 2007 [acesso 24 jan 2025];5(18):43-56. Disponível: https://bit.ly/4zGLYbQ

Álvaro Alfonso Acevedo Merlano – Doctor – alvaroacevedomerlano@gmail.com

0000-0002-0131-0276

Correspondência

Carrera 59 # 64-161. Código Postal 080002. Barranquilla, Colombia.

Disponibilidade de dados: Todos os dados utilizados ou gerados na pesquisa estão integralmente descritos e apresentados no corpo do artigo.

Editora responsable: Dilza Teresinha Ambrós Ribeiro

Recebido: 26.9.2025

Revisado: 26.4.2026

Aprovado: 8.6.2026